

I

Elevou-se então uma árvore. Ó, puro elevamento!
Ó, Orfeu canta! Ó, alta árvore no ouvido!
E tudo se calou. Porém, no próprio silenciamento
era novo começo, aceno e mudança que acontecia.

Animais de silêncio avançavam da floresta
clara e aberta deixando covil e ninho;
e mostrou-se então que não era por astúcia
nem por medo que em si estavam tão calados,

mas por ouvirem. Rugido, grito, bramido
parecia pequeno em seus corações. E lá onde
mal havia uma cabana para isso acolher,

um abrigo feito do mais obscuro anseio,
com uma entrada cujas ombreiras tremem, —
aí lhes criaste templo na escuta.

II

E quase menina era e assim ia,
movida desta una felicidade de canto e lira,
e reluzia, clara, através do seu véu de primavera
e fez para si um leito no meu ouvido.

E dormiu em mim. E tudo era o seu sono.
As árvores que sempre admirei, esta
distância tangível, o prado sentido
e cada espanto que a mim mesmo atingia.

Dormiu ela o mundo. Tu, deus cantante, como foi
que a fizeste tão perfeita que não desejou
somente acordar? Vê, ela nasceu e dormiu.

Onde está a sua morte? Ó, será que ainda inventarás
este motivo, antes que teu cantar se consuma? —
Para onde vai, de mim caindo?... Menina quase....

III

Um deus consegue-o. Porém, diz-me, como há-de
um homem segui-lo através da estreita lira?
O sentido seu é discrepância. No cruzamento de dois
caminhos do coração não há um templo de Apolo.

O canto, como tu o ensinas, não é desejo,
não é anúncio de algo finalmente a alcançar;
canto é existência. Fácil, para o deus.
Porém, *somos* quando? E quando fará *ele* girar

em torno do nosso ser a Terra e as estrelas?
Tal não *é*, jovem moço, o caso de amares, ainda
que a voz te force a boca, — aprende

a esquecer que cantaste. Isso escoá-se.
Em verdade cantar é um outro sopro.
Um sopro por nada. Um adejar no deus. Um vento.

IV

Ó vós, os ternos, entrai por vezes
na respiração que não se vos dirige,
deixai-a sobre as vossas faces dividir-se,
atrás de vós estremece, de novo unida.

Ó vós, os ditosos, ó vós, os incólumes
que pareceis o começo dos corações.
Arcos das flechas e alvos de flechas,
mais eterno reluz o vosso sorrir de lágrimas.

Não temais sofrer, a carga,
devolvei-a ao peso da terra;
pesadas são as montanhas, pesados são os mares.

Mesmo as que plantastes quando crianças, as árvores,
fizeram-se pesadas demais, há muito; não as sustínheis.
Mas os ares... mas os espaços....

V

Não erijais lápide alguma. Deixai a rosa
apenas cada ano em favor dele florir.
Pois que é Orfeu. A metamorfose dele
nisto e naquilo. Não havemos de buscar

outros nomes. De uma vez por todas
é Orfeu, quando algo canta. Vem e vai.
Não será muito, já, se à taça das rosas
um par de dias às vezes sobrevive?

Ó, quanto tem que retrair-se para que tal compreendais!
E mesmo que ele próprio se inquietasse por se retrair.
Superando a palavra sua o que aqui é

está ele já ali, onde isso não acompanhais.
A grade da lira não lhe força as mãos.
E ele obedece, em tanto que excede.